



ANO 4 - NÚMERO 41 - MARÇO 2018

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

OS AMARGOS DO CERRADO

p. 08

CULTURA

O mundo mágico
de Zé Mutum

p. 22

ECOTURISMO

Delta do Parnaíba: uma das
paisagens mais belas do mundo

p. 30

SAGRADO INDÍGENA

Minhas filhas estão me
chamando de semente

p. 44

VOCÊ PODE AJUDAR!



A transformação que queremos começa por pequenos gestos e atitudes, que alteram completamente a vida do próximo. O Movimento Solidário tem por principal característica ter você como um parceiro, e acredita que, juntos, temos feito e faremos ainda mais por quem mais necessita.

Acesse o site www.fenae.org.br/movimentosolidario e ajude! Sua contribuição é essencial nesse projeto, que desde 2005 tem melhorado a vida de milhares de famílias. Participe!

“ **Esse crime, o crime sagrado de ser divergente, nós o cometeremos sempre.** ”
 Patrícia Galvão (Pagu)

COLABORADORES/COLABORADORAS MARÇO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **André Maurício** – Ilustrador. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Bia de Lima** – Educadora. **Caetano Cury** - Ilustrador. **Clarice Lispector** – Escritora (In memoriam) **Djalma Barbosa Gonçalves** – Antropólogo. Escritor. **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gustavo Dourado** – Escritor. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Isabel Harari** – Fotógrafa. **Izalete Tavares** – Estudante. Fotógrafa. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Filósofo. Escritor. **Lúcia Resende** – Educadora. **Magaró Ikpeng** – Liderança Indígena do Xingu. **Trajano Jardim** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Socióloga |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Midias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

O Cerrado Brasileiro tem passado por tempos bem amargos, a começar pelo célere processo de devastação a que tem sido submetido. É um amargor que traz o sentido do trágico, doloroso, triste, de muita desesperança.

O jardim permanentemente florido de que falava o viajante August de Saint-Hilaire, com sua variada fauna, cede lugar aos modernos desbravadores, com realce à agricultura extensiva, predatória, implacável. Veredas invadidas, veios d’água sugados à exaustão, agrotóxicos fazendo a festa.

Nossa intenção na matéria de capa desta edição de Xapuri era falar de um outro amargo, o que está na flora cerratense, seus frutos, folhas, sementes e raízes. O amargo que dá sabores especiais à sortida culinária regional. Contudo, este só pode existir enquanto o outro não tiver chegado, com sua voracidade.

Por falar em sabores deliciosos, trazemos também matéria sobre a mapati, a nutritiva uva da Amazônia, cujo suco é oferecido nas casas dos índios Tikuna como sinal de boas-vindas.

Mas a revista está bastante variada. Por exemplo: vocês saberiam o que a nordestina Dona Lindu tem a ver com a conjuntura brasileira atual? E as semelhanças que há entre a realidade do Brasil e a dos Estados Unidos, na visão da líder negra Angela Davis?

Apresentamos, ainda, o mundo real e o imaginário de Zé Mutum, personagem pouco conhecido de Pirenópolis, Goiás. E a ponte misteriosa dos índios Gorotire, que poderia causar uma revolução na Educação caso fosse bem compreendida.

Enfim, muitas outras atrações você terá nesta Xapuri número 41, que passamos a folhear.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk
Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info



Excelente e emocionante o texto do Lula sobre o Chico Mendes na edição 39. Gratidão!
Ângela Mendes – Rio Branco – Acre.

Meus netos Miguel e Manuela com a Xapuri de dezembro no Memorial do Cerrado em Goiânia.
Mó orgulho! **Jaime Sautchuk – Cristalina – Goiás.**

Recebo sempre a revista Xapuri, através do SINTEGO, e gosto muito da qualidade dos conteúdos abordados. Como contribuição, gostaria de informar que a Lenda de Ossaim, publicada no número 37, está cheia de equívocos. Para começar, orixá é orixá, e vodun é vodun, são divindades diferentes de grupos étnicos diferentes. A filiação atribuída a Nanã e Oxalá não é verdadeira. Obatalá (Oxalá) é um orixá da etnia yoruba, e Nanã é um vodun da etnia fon. Suas histórias se desenvolveram em territórios diferentes, e seu encontro seria geograficamente impossível. Também a ilustração utilizada não corresponde às características físicas e míticas de Ossaim. Tem mais a ver com o brasileiroíssimo saci-pererê.
Silvany Euclenio silvanyeuclenio@gmail.com.



CRÉDITO: A foto do Quilombo Mesquita na matéria "Festa do Marmelo no Quilombo Mesquita: Resgate da tradição marmeleira no Planalto Central", publicada em nossa edição 39 é de **Jonas Banhos.**



08

CAPA

Os amargos do Cerrado

26

ECOLOGIA

A ponte dos Gorotire e a árvore da vida

16

BIODIVERSIDADE

Mapati:
a uva da Amazônia

30

ECOTURISMO

Delta do Parnaíba:
uma das paisagens
mais belas do mundo

20

CONSCIÊNCIA NEGRA

Contra o racismo: atravessando
o tempo com Angela Davis,
por um futuro

46

URBANIDADE

Marginal derretida

As imagens mais populares da @revistaXapuri



Imagem do mês

@nickschukkel
610 curtidas

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

17 SUSTENTABILIDADE

O cuidado em sua carência:
o descuido

18 CONJUNTURA

O filho de dona Lindu e o bisavô de
Ana Lua

22 CULTURA

O mundo mágico de Zé Mutum

32 CORREIO FEMININO

Alegria de viver

33 GASTRONOMIA

Chambari:
o "ossobuco" do Tocantins

34 MEMÓRIA

Maria Firmina dos Reis:
primeira romancista afro-brasileira

41 MITOS E LENDAS

A lenda da cabra cabriola

42 PERFIL

Rosângela Corrêa: a guardiã do Cerrado

44 SAGRADO INDÍGENA

Minhas filhas estão me chamando de semente

48 UNIVERSO FEMININO

Irmã Dulce, o anjo bom da Bahia:
Deus lhe pague!



OS AMARGOS DO CERRADO

Jaime Sautchuk

Quando o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera II, descobridor de Goiás, deixou São Paulo com destino ao Brasil Central, no início da década de 1720, ele seguiu com muita gente e pouco alimento. O tropel de 155 homens e os animais de carga teriam que se virar pelo caminho.

Era o contato do branco recém-chegado com a flora e a

fauna do Cerrado, com seu jeito e sabores bem característicos. O alferes Silva Braga, cronista da trupe, após falar de peixes salvadores, relata:

“Achamos também alguns palmitos que se chamam jaguaroaba, que comíamos assados, e ainda que seja amargoso, sustenta mais que o mais”.

Ele se referia, claro, ao guariroba, que consegue ser menos amargo do que o camargo, outro palmito, que é retirado de uma palmeirinha que nunca passa de 1m30 de altura. É certo, contudo, que a vontade de comer e a fome sempre foram incentivadores de descobertas dos amargos.

A partir de então, a culinária do Cerrado, em especial a goiana, é salpicada de sabores amar-

gos, muito comuns nas panelas de todas as classes sociais. Algumas dessas plantas são nativas, muitas já usadas pelo indígena que ali habitava. Outras são adotivas, chegadas de todos os cantos, às vezes de muito longe, vindas da África com os escravos ou da Ásia com outros imigrantes.

Guariroba (ou gueroba), camargo, jiló, jurubeba, almeirão, alcachofra, rúcula, chicória, mostarda e pequi são alguns dos mais conhecidos. São parceiros prediletos de arroz, cozidos, galinhadas, saladas, molhos, caldos e paneladas em todo tipo de fogões. No mais das vezes, porém, as misturas não ocorrem por puro gosto, mas por alguma crendice que coloca nas plantas atributos que nem sempre elas têm de verdade.

A explicação mais plausível dos amargos na alimentação vem da medicina popular, em que os remédios amargos são os que curam mais rapidamente. Não importa se estão entre milhares de plantas nativas do Brasil ou se foram importadas. O boldo-de-Goiás, por exemplo, veio das savanas africanas do Benin e da Nigéria, embora o boldo mais comum seja aquele que nascia nos Andes chilenos.

Vale lembrar, desde logo, que a “amargosa” é uma árvore do Cerrado usada no fabrico de carro-de-boi e é assim chamada não por causa do gosto, mas, sim, pelo fato de os paus dela, como eixo, no andar fazem aquele chiado prolongado, estridente, inacabável.

BIOMA

O Cerrado dos primeiros tempos da ocupação colonial era o mesmo que ainda cobre grande parte do território nacional e tem enorme importância desde mui-

to antes de os portugueses aportarem no que veio a ser o Brasil. Em verdade, num tempo bem mais distante, esse era o bioma predominante nessa vastidão, incluindo o que é hoje a Região Amazônica.

Mesmo assim, ainda em nossos dias é considerado um bioma de segunda classe. Não só pelas pessoas comuns, mas também por setores do centro do poder, de onde vêm as políticas públicas oficiais. Uns, podem não ter usufruído de suas benesses ou não foram informados sobre isso na escola. Os outros, por desinformação adquirida, ou seja, o tipo de literatura em que baseiam seus estudos e planejamentos.

Ao aprovar a atual Constituição Federal, em 1988, por exemplo, a Assembleia Nacional Constituinte determinou a condição de “patrimônio nacional” à Floresta Amazônica, à Mata Atlântica, à

Serra do Mar, ao Pantanal Mato-Grossense e à chamada Zona Costeira.

Por vacilo dos parlamentares constituintes, ficaram de fora os biomas do Cerrado e da Caatinga. E assim mesmo, grafados com a letra inicial maiúscula, como se faz com os demais biomas. Foi preciso uma emenda constitucional percorrer longo trajeto e muitos anos para sanar o erro.

Para o cerratense, que herdou dos índios as manhas do manejo do Cerrado, a situação neste início do século 21 é desesperadora. O agronegócio de larga escala despacha suas máquinas, que vão abrindo espaços a uma agricultura extensiva, conflitante com a natureza. Usam até mesmo o arcaico correntão preso a dois tratores para pôr abaixo o que estiver no caminho.

As espécies nativas são derubadas, muitas vezes quei-



Foto: Cerrado Editora

madras em vastas extensões de terra e desaparecem. Não raro, são plantas que sequer estavam catalogadas pela Botânica. São repetidos erros do passado em favor da ganância somada a um deliberado descaso a tecnologias menos vorazes, sustentáveis.

Em seu livro “O Cerrado em Disputa” (Confea/CREA, 2009), o pesquisador Carlos Eduardo Mazzetto Silva afirma:

“Os povos do Cerrado são herdeiros das antigas culturas indígenas que aprenderam a conviver com o ecossistema. Sua relação com o ambiente segue outra racionalidade, que nos recusamos a valorizar”.

DEVASTAÇÃO

Ao contrário, o que vemos hoje é uma ação que não respeita rios, nem veredas, matas ciliares, encostas de morros, nada. São raros os casos de áreas agricultadas em que são feitas curvas de nível no solo para evitar assoreamento. Tudo vai abaixo.

Assim, os cursos de água se enchem da terra envenenada pelos agrotóxicos, que é arrastada pelas chuvas. O que sobra dos córregos e ribeirões vai servir à irrigação, com os enormes pivô-centrais vistos das estradas ou dos aviões, lá das nuvens.

Na Amazônia, o Brasil faz monitoramento do desmate da floresta. O sistema não chega a paralisar o processo de derrubada, mas fornece informações úteis à fiscalização pelos instrumentos disponíveis em terra. Querendo fiscalizar, há informações técnicas para isso.

Quanto ao Cerrado, entretanto, não é feito monitoramento sistemático algum, de modo que a destruição segue livre. O Brasil



Foto: Embrapa

dispõe de informações por meio de diversas técnicas, como aerofotogrametria, mas essas servem para outros usos que não a contenção do desmate desarvorado.

A monocultura extensiva, principal razão da célere derrubada da vegetação nativa, desfaz também a vida dos humanos nativos. Estes são obrigados a deixar suas posses, pois poucos são os que têm escritura legalizada. E quando as têm, sofrem pressões de todo tipo.

O rumo dessa gente são os centros urbanos, em condições de vida precárias, e quando muito voltar à roça para trabalhos sazonais em algumas culturas, mas já na condição de boia-fria. Seus filhos e netos vão buscar a sobrevivência em localidades maiores, também fora de seus ambientes.

SUSTENTABILIDADE

Há formas mais modernas do uso sustentável dos cerrados, que não provocam destruição e produzem com muita eficácia. A agricultura de maior escala pode muito bem conviver com formas menos agressivas de atividade econômica. Em especial aquelas que valorizem a biodiversidade da própria região.

Mazzetto Silva afirma:

“No imaginário da sociedade brasileira predomina a imagem de uma vegetação rala, de árvores tortas, sem beleza, sem utilidade e sem valor intrínseco – seja social, econômico ou ecológico”.

O Cerrado sempre foi visto como um tipo de flora que conseguia sobreviver a enormes dificuldades em relação ao solo, daí advindo seu jeito retorcido



Foto: Agência Brasília

e esparso. Entretanto, estudos científicos e experiências práticas demonstram que as condições adversas (acidez do solo, período seco no ano, fogo espontâneo) realmente existem, mas há outros fatores preponderantes.

A disponibilidade de água, por exemplo. Se nos períodos de chuva a água não for contida para se alojar no lençol freático, não há como distribuí-la no restante do ano. O volume de água brotado de minas vai minguando e os vistosos córregos, riachos e rios esmorecem também.

A própria monocultura de soja é fruto de pesquisas realizadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de adaptação desse grão a esses solo e clima adversos. E o sucesso dessa adequação está nos resultados da balança de ex-

portação, a maior parte, porém, vendida in natura, com nenhum valor agregado.

Empresas que dominam o mercado de sementes no mundo se apropriaram desse conhecimento e vêm, safra após safra, introduzindo mudanças genéticas para controlar o fornecimento das matrizes aos agricultores. Trata-se de um conhecimento que o Brasil tem de sobra, mas paga pelo seu uso.

FLORA E FAUNA

Da riqueza e da beleza que estão por detrás dos paus retorcidos, campos limpos, campos sujos, campos rupestres e matas, pouca gente tem a dimensão exata. O viajante belga Auguste de Saint-Hilaire, que passou vários anos no Brasil, percorreu os cerrados por longo tempo, a

partir de 1819, e escreveu que “o Cerrado é um jardim permanentemente florido”.

Sua observação é pura, verdadeira e repetida séculos a fio, década após década, ano após ano, enquanto existir alguma nesga de Cerrado para admirarmos. Calíandra, canela-de-ema, quaresminha, pau-santo, paepalanthus, sempre-viva, orquídeas e todos os amargos, cada uma ao seu tempo, com suas flores encantadoras.

As veredas de buritis, sempre úmidas e floridas, são casos à parte. Essa é uma das palmeiras do Cerrado com grande potencial alimentício, como vários outros tipos encontrados. Da guariroba e do camargo se retira palmito que compõe a culinária cerratense. No Maranhão, Piauí e Tocantins há nos cerrados grandes matas de cocais, de importância nas economias regionais.

Outras plantas frutíferas, como mangaba, bacupari, bacuri, jatobá, gabioba, pequi, mama-cadela, araticum, caju, cagaita, graviola e tantas outras têm forte importância como alimento, fonte de renda e até medicamento.

São cerca de 100 as plantas de uso medicinal, outro cento de usadas no artesanato e pelo menos 220 que servem à produção de mel de abelha. Sem falar na feitura de conservas doces e salgadas, geleias, tortas e vários tipos de farinhas.

Por falar nisso, aos viajantes do século 19 devemos a classificação da grande parte das espécies nativas da flora cerratense até hoje conhecidas. Essa classificação significa que a planta passa a ter um nome científico e passa a ter reconhecimento internacional. Em qualquer lugar do globo, pesquisadores sabem que aquela planta existe em tal lugar.



Foto: Vem Brasil

Normalmente, as plantas ganham, também, nomes populares, que podem variar de região para região. O capim *paepalanthus*, por exemplo, brota em talos que formam um leque na ponta superior do tronco, e este tem em média um metro de altura. Esse leque pode formar uma meia-lua ou uma roda inteira, por isso é conhecida em algumas áreas como chuveirinho e sombreiro, respectivamente. Em outras, é apenas sempre-viva.

Estima-se, porém, que no Cerrado brasileiro existam mais de 10.000 espécies vegetais, das quais 4.400 são endêmicas. É uma diversidade de plantas tão exuberante que pouco delas se conhece profundamente, como, aliás, ocorre também com a flora amazônica, por exemplo.

A fauna característica do Cerrado, de emas, seriemas, perdi-

zes, lobos-guará, felinos, cervídeos, araras, tucanos e centenas de outros tipos também rareia a cada dia que passa. Acossada pelo ronco das máquinas, estampido das armas, rodovias impiedosas e mesmo falta de espaços para ninhos e tocas, os bichos literalmente não têm para onde correr.

EXTENSÃO

Calcula-se que a extensão do Cerrado brasileiro, hoje, ocupe algo em torno de 37% do território nacional. Isso, contando com as áreas em que se misturam a outros biomas na região Sudeste, nas beiradas na Amazônia e grandes manchas no Amapá, Roraima, Rondônia e estados do Nordeste.

Oficialmente, o documento “Ecossistemas Brasileiros”, do Ministério do Meio Ambiente, infor-

ma que o Cerrado se faz presente em 13 estados brasileiros. A área ocupada corresponde a 22,65% do território, com 192,8 milhões de hectares e uma população de 22 milhões de habitantes.

A diferença entre os dados do MMA e os adotados em estudos de universidades e institutos de pesquisa se deve à metodologia do levantamento. A do Ministério divide o Brasil em 49 ecorregiões e considera como predominante a vegetação em área contínua.

Contudo, uma forte corrente de pesquisadores defende, com argumentos bastante consistentes, que o Cerrado é o bioma *mater* de praticamente toda a cobertura vegetal do território brasileiro.

Resumidamente, a história tem capítulos já bastante conhecidos pela Ciência e pode ensinar com clareza o que se passou desde a origem do Universo. Há 65 milhões de anos, porém, a camada superficial da Terra era formada por dois grandes blocos, que naquele período se separaram. Quem nunca tentou, no mapa, juntar as duas peças de quebra-cabeças nos recortes da África e da América do Sul?

A América do Sul descolou-se da África, formando um oceano entre os dois continentes. Os rios que cortam o território brasileiro corriam no sentido Leste-Oeste. O soerguimento da Cordilheira dos Andes inverteu o regime hídrico da região.

Há cerca de 20 mil anos (ontem, portanto, já que falávamos de 65 milhões de anos) teria ocorrido um movimento telúrico que levantou o fundo do Atlântico, contendo o desaguadouro do rio Amazonas. Assim, suas águas e as de seus afluentes alagaram vastas extensões do Cerrado que ali existia e que desta forma fizeram surgir a majestosa Floresta

Amazônica.

Segundo o geomorfologista Aziz Ab'Saber, no entanto, mudanças de clima ocorridas no final da era geológica do Pleistoceno, entre 12.000 e 18.000 anos atrás, foram as causas da mudança. Houve naquele período aquecimento da região tropical, favorecendo o avanço da floresta densa e frondosa sobre a vegetação rala e mais baixa dos cerrados.

MUTAÇÃO

Isto explicaria, por exemplo, porque o que resta do Cerrado brasileiro está em posições geográficas elevadas, em terrenos que geram água. E explica também porque sobraram as manchas nas fronteiras Norte, em áreas mais elevadas da Amazônia e em enclaves no interior de estados do Nordeste e no litoral nordestino.

O mesmo teria ocorrido com a Mata Atlântica. Em “A História da Terra e do Homem do Planalto Central do Brasil” (EdUnB, 2009) Paulo Bertran lembra que, de fato, nada há de mais parecido com a Mata Atlântica do que “as raras matas ainda existentes no Distrito Federal, por exemplo. Estas, insurgidas geralmente sobre afloramentos calcários repletos de grutas e inscrições indígenas”. E acrescenta:

“O roceiro colonizador sempre preservou essas áreas, até repassarem-nas, a preço vil, aos mais perigosos destruidores de paisagens naturais de toda a região: as usinas de cimento e pó de calcário, e os agricultores de soja e outras culturas extensivas.”

ÁGUAS

Pelo menos três das principais bacias fluviais brasileiras nascem em áreas de Cerrado do Planalto Central. São as do São Francisco, do Araguaia/Tocantins, do Paranaíba/Paraná/Prata e mesmo de alguns afluentes diretos do Amazonas. E casos mais localizados, como é o rio Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais.

A geologia faz com que as chapadas de altitude na região central do País funcionem com tanques que armazenam água para abastecer córregos, rios e o próprio lençol freático o ano inteiro. Entretanto, como já vimos, a retirada da vegetação nativa e o uso exagerado da irrigação fazem essa água sumir.

Na região da Serra Geral de Goiás, na fronteira desse estado com a Bahia, uma enorme extensão de uns 200 km de chapada foi tomada desde o início dos anos 1990 pela agricultura extensiva. Principalmente de soja. Os córregos que ali nascem correm para o São Francisco, pegando carona em outros rios.

Por relatos de moradores e de autoridades federais baseadas em municípios da região, como Santa Maria da Vitória (BA), às margens do rio Corrente, o estrago é sensível a olho nu. De 2000 a 2009, há registro de pelo menos 14 ribeirões da encosta da Serra que secaram completamente.

O mesmo ocorre em outros estados, em especial Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Piauí, Minas Gerais e Goiás. Neles, a todo instante se tem notícia de córregos que secaram de todo, durante o ano inteiro, ou reduziram sua atividade aos meses chuvosos do ano.

Em Goiás, com frequência têm ocorrido conflitos entre os próprios grandes fazendeiros usuários de irrigação por pivôs-cen-

trais. O proprietário que está rio acima muitas vezes retira toda a água do córrego, que assim seca para os vizinhos rio abaixo. Alguns casos vão parar na justiça, outros ainda hoje são resolvidos na bala.

Em Cristalina (GO), um fazendeiro aproveitava uma bonita queda d'água como atração turística, com clientela permanente em área de acampamento que criou. Súbito, porém, a cachoeira secou, por causa da irrigação rio acima.

O caso foi parar na justiça, onde rola há anos. Os grandes, bem ou mal, acabam se resolvendo, mas o pequeno agricultor padece mais por falta de acesso aos meios possíveis. A exclusão legal da maioria brasileira também aí se manifesta.

No Leste do Maranhão, indústrias de carvão e de papel e celulose plantaram, entre 2008 e 2010, perto de 200 mil hectares de eucalipto. As populações que não perderam suas terras, onde a coleta de frutas nativas é atividade de subsistência, tiveram que sair de perto porque os rios são usados na irrigação. Neste caso, o Ministério Público estadual entrou com processo judicial.

USO MEDICINAL

Em toda comunidade tradicional há uma ou mais pessoas que se ocupam da produção e manipulação de ramas, sementes e raízes de uso medicinal, muitas delas amargas. Raizeiras e raizeiros, como são chamados, atendem suas clientelas em suas próprias casas, na zona rural ou nas áreas urbanas, indicando a planta apropriada a cada mal que se apresente.

De modo artesanal, muitos deles produzem pomadas, xaropes, tinturas e soluções líquidas.



Foto: Projeto Calabouça

Em cidades de maior porte, ainda que pequenas, montam suas banquinhas em mercados, feiras livres e mesmo nas ruas, competindo com as farmácias modernas, com suas embalagens sofisticadas e bulas ilegíveis.

Boa parte deles não se distancia da profissional que tenham, como pequeno produtor rural, pescador, seja lá o que for. Mas se dedicam com apego à lida com as plantas, no mais das vezes ampliando o conhecimento adquirido na família ou na comunidade e que trazem consigo.

No entanto, as atividades que envolvam plantas são hoje am-

paradas legalmente no Brasil. A Lei 13.123, de maio de 2015, criou o Marco Legal sobre a Biodiversidade Brasileira, que estabelece normas de acesso ao patrimônio genético, de proteção do conhecimento tradicional associado e de repartição de benefícios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade.



Jaime Scutchuk
Jornalista. Escritor

ARTE
RELACIONAMENTO
CRIATIVIDADE TAMANHO
SUSTENTABILIDADE
PONTUALIDADE
CONTEÚDO QUALIDADE
ESTÉTICA
FORMATOS
COMPROMISSO
PONTUALIDADE
CRIAR CORES



nossagráfica



gráfica e editora

uma visão infinitamente nova

MAPATI:

A UVA DA AMAZÔNIA

Zezé Weiss



<http://aventuras-de-ana-helena.blogspot.com.br/2012/09/mapati-uva-da-amazonia.html>

Soube da Mapati nos quintais das aldeias indígenas do povo Tikuna na região de Tabatinga, que faz divisa terrestre com a cidade colombiana de Leticia, na Amazônia ocidental.

Conhecida também como embaúba de vinho, uva taranga preta, cucura e pouroma, que em tupi significa "árvore que ronca", porque, segundo as crianças indígenas, o vento em suas folhas grandes a faz roncar.

A Mapati é mesmo parecida com a uva, só que seus frutos carnudos e translúcidos são bem maiores, medem de 2 a 4 cm.

Nas casas Tikuna, a Mapati é oferecida em forma de suco,

como sinal de hospitalidade. Nas ruas de Tabatinga, seus cachos imensos são vendidos principalmente por jovens indígenas. Além do costumeiro suco, os frutos também são utilizados em receitas de doces, bolos e sorvetes.

Mais precisamente, conheci a árvore no quintal do meu amigo Adir Tikuna, que fica na floresta, a poucos quilômetros da cidade de Benjamin Constant, no estado do Amazonas.

É uma árvore muito bonita e alta, a que vi tinha no mínimo uns 10 metros, de tronco cilíndrico, cor cinza-claro, mais para o esbranquiçado. Lá do alto da copa, que tem o formato de uma

sombrinha aberta, brotam os lindos cachos arroxeados da deliciosa Mapati.

Em alguns locais da Amazônia, a Mapati é utilizada em projetos de reflorestamento, porque cresce rápido, produz precocemente (em até dois anos), alimenta uma grande quantidade de animais, e faz alegria da criançada, que se lambuza com seus deliciosos frutos adocicados.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss



O CUIDADO EM SUA CARÊNCIA:

O DESCUIDO

Leonardo Boff

Há os que têm cuidado de menos. São os descuidados e displicentes. Normalmente não conseguem ser inteiros no que fazem. Seja porque perderam seu centro assumindo coisas demais, seja porque não colocaram todo o empenho no que fazem.

As coisas aparecem malfeitas, largadas, desordenadas, confusas, caóticas, numa palavra, descuidadas. A pessoa fica impaciente e perde a calma e a serenidade.

Refletíamos que o cuidado surge quando se encontra uma justa medida. Este é o caminho do meio entre o modo-de-ser do trabalho como exploração e o modo-de-ser do cuidado como plasmação.

Por isso o cuidado não convive nem com o excesso, nem com a carência. Ele é o ponto ideal de equilíbrio entre um e outro.

Tarefa humana é construir esse equilíbrio com autocontrole e moderação, mas sobretudo

com a ajuda do Espírito de vida que nunca falta porque Ele é, segundo um hino medieval cantado até hoje na liturgia de Pentecostes, "a quietude no trabalho, a frescura no calor, e o consolo nas lágrimas": o equilíbrio dinâmico.



Leonardo Boff
Filósofo. Teólogo. Escritor.
Excerto do livro Saber Cuidar.
18ª Edição. Editora Vozes.
2012.

O FILHO DE DONA LINDU E O BISAVÔ DE ANA LUA

Emir Sader



Da numerosa família Silva, aí está ele na entrevista, não direi de corpo inteiro, porque ele não cabe em entrevista alguma, nem em biografia, tal a sua vida. De peito aberto, isto sim. Com o caráter que não há jornalista da velha mídia que encare, com a presença moral que faz com que todos os outros pareçam minúsculos diante dele.

Filho da dona Lindu, a presença determinante na formação do seu caráter. Ele, que considera que as mulheres são muito superiores aos homens: é às mães que os filhos apelam quando precisam de alguma coisa, todos nós, homens, também apelamos sempre para eles para resolver nossos problemas. São elas que seguram as petecas das casas.

A imagem da dona Lindu ficou permanentemente para ele como referência de ser humano de valor, de temperamento, de tenacidade, de amor.

Ana Lua é a primeira bisneta, que nasceu 15 dias depois da morte de dona Marisa. Ele disse, naquele momento, que havia perdido a companheira da sua vida, mas que havia ganhado uma menina para amar por toda a vida. Com ela no colo, olhando os dois um nos olhos do outro, são a própria imagem do presente e do futuro. Ele passou a tomá-la como interlocutora, quando diz que não teria coragem de olhar nos olhos dela, se estivesse mentindo hoje para o povo, e não teria o que dizer a ela, com 10 anos, se ela o interpelasse, dizendo que ele não teria agido com a coragem necessária na situação atual.

Aí está ele, com a calma e a coragem dos grandes, dos que têm certeza de que encarna o que o Brasil precisa para sair da crise. Com paciência de Jó, respondendo às perguntas clichês que os editores impõem aos jornalistas, como condição de entrevistar o Lula e dar-lhe a palavra. Como sempre, como aconteceu com os juizes a quem ele declarou, os jornalistas também se sentem pequenos, complexados.

Pois é esse homem que acumulou, graças a seu caráter, à experiência acumulada ao longo das lutas e à sua inteligência, a melhor capacidade de reflexão estratégica sobre o Brasil. A versão integral da entrevista – o jornal censurou, pela edição, partes importantes, que podem ser lidas integralmente na internet – traz reflexões que comprovam porque Lula é o único grande líder político nacional e de massas no Brasil deste século.

Um dos exemplos é a clareza com que ele reitera – a contracorrente de alguns pré-candidatos que pretendem estar no

campo da esquerda, mas que questionam a divisão entre direita e esquerda e se abrem para uma “terceira via” – como um candidato de direita, para vencer hoje no país, precisa contar indispensavelmente com os tucanos. Assim como um candidato de esquerda necessita contar inevitavelmente com o PT.

Da mesma forma que ele recorda a proposta que ele fez, na Colômbia, a Eduardo Campos, para ser o vice da Dilma em 2014, com o que, como diz ele, hoje seria o candidato do próprio PT e da esquerda. Proposta rejeitada.

Lula acumulou uma visão da história recente do Brasil, que lhe permite compreender não apenas o que aconteceu, com as potencialidades do presente e suas projeções para o futuro. Admiram sua calma, que se dá justamente por essa compreensão, que falta aos outros pré-candidatos. Enquanto ele é candidato pelo Brasil, outros o são por seus partidos ou por eles mesmos.

Por isso a imagem do Lula se projeta de maneira tão superior a todos os outros. Porque ele revela sua generosidade em relação aos que o criticam, demonstra como está por acima dos conflitos menores que permeiam a esquerda, se dirige de maneira elegante aos outros, sabe que ele representa a esquerda como um todo e não é apenas mais um na disputa.

Dona Lindu e Analua o acompanham por onde quer que ele vá. Junto com todos nós.



Emir Sader

Sociólogo
Autor do livro “O Brasil que queremos.”



CONTRA O RACISMO: ATRAVESSANDO O TEMPO COM ANGELA DAVIS, POR UM FUTURO

"Mulheres negras representam o futuro. Porque mulheres negras representam uma possibilidade real de esperança na liberdade."

Iêda Leal

Dia Latino-Americano e Caribeño da Mulher Negra, 25 de julho. Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, lotada para ouvir uma aula emocionante de Angela Davis, ativista norte-americana da luta pelos direitos dos negros e das mulheres.

A filósofa e professora apresentou reflexões sobre a sociedade que impetuosamente mantém o racismo subjugando a população negra, onde as mulheres negras ocupam as piores posições. Ainda assim, sobrevivendo à crueldade, essa situação configura-se como

um incitamento à organização das mulheres negras por uma sobrevivência coletiva, construída, ao longo dos anos, a base de sua identidade, em ligação com outras lutas, contra todos os preconceitos e pelo bem viver.

Ao expor sobre a luta contra o racismo no Brasil, nos Estados Unidos e no mundo, Davis destaca a liderança da mulher negra a partir de uma análise interseccional, onde raça, gênero e classe agem combinados, como nos ensinou Lélia Gonzalez. Angela dá lições de uma vida viva, e viva por que nós

reagimos à violência racial, como instigou Luiza Bairros.

Não é por menos que Davis entoou na UFBA: REISTIREMOS. "Nós resistiremos ao racismo, à exploração capitalista, ao hetero patriarcado. Nós resistiremos ao preconceito contra o Islã, ao preconceito contra as pessoas com deficiência. Nós defenderemos o meio ambiente contra os insistentes ataques predatórios do capital. Aqui em Salvador, no dia 25 de julho, dedicado às mulheres negras na América Latina e no Caribe, afirmamos ainda de forma mais forte: com a

força e o poder das mulheres negras dessa região, nós resistiremos".

Entusiasmada, citando a organização da Marcha Nacional das Mulheres Negras Contra o Racismo e Pelo Bem Viver (Brasília/2015), a luta pela preservação da cultura de Matriz Africana, expressa na Irmandade da Boa Morte e no Terreiro de Mãe Stella de Oxóssi, Angela enfatiza que o movimento de mulheres negras no Brasil desperta a atenção no seu país.

"Como já foi dito e reiterado várias vezes, o movimento social liderado por mulheres negras é o movimento social mais importante do Brasil. Após o golpe antidemocrático que resultou na deposição de Dilma Rousseff, as mulheres negras criaram a melhor esperança para este país".

Muitas de nós, nos Estados Unidos, estamos entusiasmadas acompanhando a Marcha das Mulheres Negras no Brasil desde novembro de 2015. Nós continuamos a sentir as reverberações dessa Marcha. Não tenho dúvida de que a aula de Angela é lição irreparável para o enfrentamento ao racismo, especialmente para os quadros cantos das escolas no país. Afinal, os educadores têm que ampliar, cada vez mais, o seu papel na luta contra o racismo.

Não é por acaso que o nome da palestra da professora Davis é Atravessando o Tempo e Construindo o Futuro. É SOBRE NÓS e as possibilidades de transformação da sociedade em que vivemos. Não podemos pular essa página na nossa história.

Devemos apreender sempre com essa caminhada de muitos enfrentamentos. Angela analisa com exatidão que estamos vivendo tempos de turbulência. "Este é um momento difícil para o nosso planeta por vários motivos, mas, sobretudo, por termos uma guinada à direita na Europa, nos Estados Unidos, na América do Sul e especialmente no Brasil. Não tenho nem como começar a explicar para vocês qual é o sentimento de morar nos Estados Unidos onde Donald Trump é presidente".

Mas, nós resistiremos! Nesse confronto posto contra o racismo, que destrói a possibilidade do acesso da população negra ao emprego, saúde, educação, moradia, a "liderança feminina negra" tem um papel de destaque. Lembrando o papel de Luiza Bairros, Lélia Gonzales e Carolina de Jesus, Angela afirma que é necessário enfatizar a condição da mulher negra na perspectiva de gênero e de raça, reconhecendo também que implica nisso classe, sexualidade e gênero, para além da convenção binária. "As mulheres negras estão entre os grupos mais ignorados, mais subjugados e também os mais atacados deste planeta.

As mulheres negras estão entre os grupos mais sem liberdade do mundo. Mas, ao mesmo tempo, as mulheres negras têm uma trajetória histórica que atravessa fronteiras geográficas e nacionais de sempre manter a esperança da liberdade viva. As mulheres negras representam o que é não ter liberdade sendo, ao mesmo tempo, as

mais consistentes na tradição, que não foi rompida, da luta pela liberdade, desde os tempos da colonização e escravidão até o presente".

Como não fazer da lição de Angela Davis a nossa tarefa de casa. É sobre nossa luta para alterar a sociedade para além dos privilégios racistas e do patriarcado heterossexual mantidos institucionalmente. A palestra de Davis, que foi uma iniciativa do Instituto da Mulher Negra Odara, do Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Mulher (NEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

e da Universidade Federal do Recôncavo, entra para a história de luta contra o racismo. Nessa caminhada de luta, há vinte anos (1977) Angela esteve pela primeira vez no Brasil, na Jornada Lélia Gonzalez, organizada por, Dulce Pereira, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado.

O Reencontro na Bahia nos fortalece. Estamos em marcha. Sim Angela Davis, Sim, Luiza Bairros, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Carolina Jesus, Mãe Hilda Jitolu, Mãe Beata. Nós estamos atravessando o tempo e construindo um futuro, sem volta. Estamos preparadas!!!



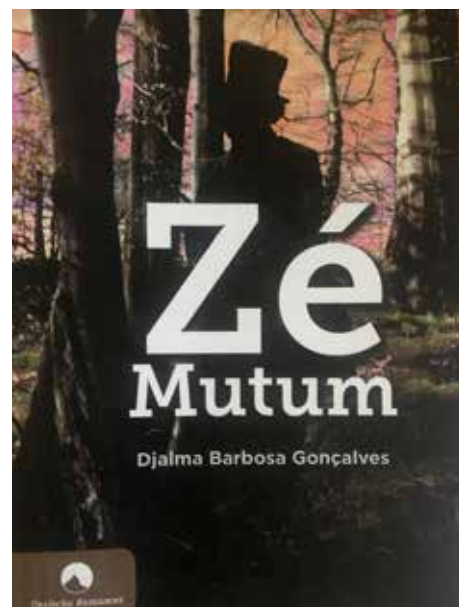
Iêda Leal
Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de combate ao racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sinteço e Vice-presidente da CUT - GO





O MUNDO MÁGICO DE ZÉ MUTUM

Djalma Barbosa Gonçalves



Seria impossível para alguém que nasceu na barranca do Rio das Almas passar a existência incólume e não tentar registrar o universo em que fora criado.

O lançamento do livro *Zé Mutum*, obra de caráter eminentemente regionalista e surrealista, expressa minhas vivências neste universo mágico no qual é inserida a cultura cabocla do Cerrado, onde a linha divisória entre o real e o irreal é apenas um tênue fio que permeia a existência do caboclo goiano, criado em meio às lendas que povoam os sertões desde datas imemoriais.

Zé Mutum é um personagem surreal, que vive imerso em seus delírios em meio à religiosidade de uma Pirenópolis da primeira metade do século passado. Sempre acompanhado por um casal de mutuns, daí o seu nome, perambula pela cidade e arredores se envolvendo em confusões com os locais, com seus fantasmas, com entidades do imaginário caboclo e com a tormenta interior que o assola sempre.

Entender o mundo em que o personagem *Zé Mutum* vive imerso passa primeiramente pelo entendimento da sua condição de

ex-coroinha das igrejas locais e pelo amor que nutria pela catolicidade ali praticada. Após uma experiência amorosa malsucedida, se embrenha pelo Cerrado, começando aí sua saga.

Zé Mutum expressa em seus sonhos e delírios toda a iconografia presente no imaginário religioso pirenopolino. Suas incursões no mundo do subconsciente trazem à tona a dramaticidade das imagens e representações sacras presentes na iconografia das igrejas locais.

Seus encontros com as entidades do imaginário caboclo repro-

duzem oniricamente a vivência dos sertanejos com esse universo encantado que faz parte do seu ser. Foram assim seus embates com o Caipora, o Nego d'água, a Mula Sem Cabeça e as entidades imaginárias da Cidade de Pedra.

Procedi ao registro das rezas, cantorias, benditos, litanias, motetos e cânticos sacros católicos presentes em uma Pirenópolis anterior ao Concílio Vaticano II.

Sua breve passagem pelo movimento messiânico de Santa Dica, obra do acaso de quem ficava do alto das serras observando o movimento dos sertanejos, pontilha de religiosidade mística alguns capítulos do livro.

Face ao avanço da globalização que tenta universalizar a cultura a partir dos padrões das sociedades hegemônicas, procedi a um trabalho de resgate das parlendas cantadas na região e que se conectam, na obra, com o momento vivido por *Zé Mutum*. São cânticos infantis, muitos já esquecidos pelas crianças, mas que tive o cuidado de registrá-los em profusão pela obra.

Zé Mutum, talvez influenciado pelo tempo que vivera na República dos Anjos de Santa Dica, também constrói sua Jerusalém Celestial aos pés do Morro do Frota, onde estabelece seu reinado. A descrição dos templos e da iconografia que decorou cada um deles nos remete a um tempo mítico vivido então no Cerrado. Pairava sobre a região a profecia de Dom Bosco, a concretização da Missão Cruls, a construção da futura capital e algo mais estava no ar, além dos aviões da Panair. Essa atmosfera a todos contagiava.

Existe uma grande preocupação no livro com os registros da flora cerratense. *Zé Mutum* é antes de tudo um caipira, alguém longe da medicina ensinada nas

faculdades, mas que sobrevivia praticando os usos fitoterápicos das plantas do Cerrado. Pontuei ao longo do livro uma verdadeira descrição dessas utilidades medicinais.

Os sinos repicavam da longínqua Pirenópolis e de longe *Zé Mutum* traduzia seus toques e dobrados. Existe toda uma linguagem que procurei detalhar na obra. Para o caipira, os sinos ainda falam. Resquício da arte barroca, transmitem os acontecimentos do plano do sagrado e toda a população acompanha ansiosamente suas mensagens. Assim é arte da linguagem dos sinos.

A obra se passa em planos distintos, reforçada com as imagens que descrevem todo o desenrolar da trama. Não bastasse a gama fortíssima de imagens presentes, pois trata-se de uma imersão no irreal, como obra surrealista que também é, existem também as inserções das músicas de Tonico do Padre, que embalam a vida de *Zé Mutum* nos momentos mais marcantes. Palavras, sons e imagens compõem a tríade que coloca a obra num patamar encantado.

A presença de inúmeros textos em latim, a começar pela introdução de cada capítulo, nos transporta para o universo religioso de então. Essas rezas, cânticos e litanias povoam o universo mental de *Zé Mutum* e expressam na obra a tônica de cada capítulo ou o momento vivido pelo personagem principal. Procedi à tradução de cada texto em latim, possibilitando ao leitor a compreensão do que está se passando.

Como *Zé Mutum* também é uma obra de resgate da cultura cerratense da região do Rio das Almas, tive a preocupação de reproduzir as falas dos personagens das Cavalhadas e descrever

o que se passa em cada cena da imponente festa religiosa pirenopolina. Pela riqueza das imagens e pela imersão num mundo irreal ou já inexistente, *Zé Mutum* deve ser sorvido como um bom vinho, sem nenhuma pressa.

É difícil estabelecer uma conexão maior da minha obra com outros autores da literatura goiana. Talvez uma proximidade maior com J. J. Veiga, quicá o superando na carga surrealista, pois além de ser uma obra com forte presença de imagens, totalmente simbólicas, seu personagem central vive a cada momento transitando também pelo irreal.

Mais do que uma obra surrealista e regionalista, representa o resgate de toda uma cultura regional, verdadeiro registro das expressões culturais daquela porção do Rio das Almas. A saga da vida do personagem *Zé Mutum* por si só já justificaria a obra. Mas ela é muito mais do que tudo isso, com direito a um final surpreendente.

O vento sopra de Brasília para o Morro do Frota em Pirenópolis e meu ser o acompanha para o reino encantado de *Zé Mutum* e suas rezas em latim, parlendas antigas, cantorias religiosas, cânticos de pousos de catira e oferendas ao Divino, seres míticos e sonhos impregnados de profunda religiosidade barroca.

"No meio da mata eu vi, o piar de dois mutum, piaava que arretumbava maninha, tum, tum, tum."



Djalma Barbosa Gonçalves
Antropólogo. Escritor.



**IX Concurso de Redação e Desenho
do Sinpro-DF terá como tema**

“Água: sede de viver, sede de sobreviver”

Ideia é levar o debate sobre a ameaça da falta de água no planeta para as escolas, discutindo um problema que afeta toda a humanidade

Fonte de vida e recurso necessário para a sobrevivência de toda a cadeia humana, a água é um bem natural, vital, insubstituível e imprescindível para a humanidade. Apesar de tanta importância, este recurso tem sido utilizado de forma errada, o que tem impedido sua

disponibilidade de uma forma sustentável para todos. Fatores como o desperdício, a poluição e a forma incorreta que muitas vezes a utilizamos nas cidades e no campo tem colaborado com a exclusão social, a pobreza e o acesso democrático à água.

É diante deste cenário e com esta grande preocupa-

ção que o Sinpro-DF lançou o IX Concurso de Redação e Desenho, que em 2018 trabalhará com o tema Água: sede de viver, sede de sobreviver. As inscrições já estão abertas no site do sindicato para os estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal, que poderão debater a temática na forma de redação ou desenho. A



partir deste contexto os inscritos poderão sugerir formas conscientes para gerir os recursos hídricos; propor maneiras de diminuir as desigualdades em seu repasse e no acesso à água tratada; promover seu uso de uma forma sustentável e, principalmente, encontrando soluções para acabar com a má utilização desta fonte, da qual brota a vida.

Para a diretora do Sinpro-DF Rosilene Corrêa, com o Concurso de Redação o Sindicato cumpre a tarefa de levar o debate sobre a ameaça da falta de água no planeta para as escolas, discutindo um problema que afeta toda a humanidade. “O problema que estamos passando vai desde os pequenos gestos até o consumo industrial. É a minha forma de escovar os dentes, mas também de como as indústrias tratam isto”, analisa a diretora. “O objetivo é levar esta discussão para dentro das salas de aula, para despertar os estudantes e professores a pensarem a sua prática, encontrando saídas”.

As inscrições já estão abertas, e seguem até abril, para estudantes da Educação Infantil, de quatro e cinco anos de idade, até o Ensino Médio.

Os(as) estudantes da Educação Infantil, do CEE e classes especiais, bem como os(as) matriculados(as) do 1º ao 3º ano do ensino fundamental/EJA expressarão sua opinião por meio de desenho. Os(as) estudantes do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental/EJA e do Ensino Médio/EJA, por sua vez, discutirão a temática na forma de redação. Os prêmios serão distribuídos para estudantes vencedores(as) e professores(as) ou orientadores(as) educacionais indicados(as) pelos(as) participantes.

O coordenador da Secretaria de Imprensa do Sinpro-DF, Cláudio Antunes, afirma que o Sindicato faz um excelente investimento ao proporcionar um concurso em que os estudantes da rede pública possam expressar sua opinião sobre os diversos temas que a educação do DF debate no dia-a-dia da escola. “Este

concurso vem com uma temática contemporânea, sobretudo pela participação dos movimentos sociais nos debates sobre a água. Portanto, é uma forma que o Sinpro-DF encontrou de oportunizar que cada estudante e professores possam debater este tema que é imprescindível para a humanidade”, conclui Cláudio.

O Concurso de Redação do Sinpro-DF integra a Campanha contra a Violência nas Escolas, uma iniciativa do sindicato adotada em 2008 para ensinar, entre os(as) estudantes da rede pública de ensino, a reflexão sobre as causas, as consequências e as soluções para a violência – um problema que afeta toda a sociedade.



<http://acpagencia.blogspot.com.br/2011/07/>

A PONTE DOS GOROTIRE E A ÁRVORE DA VIDA

Altair Sales Barbosa

Este artigo refere-se a um texto escrito dentro dos padrões do conhecimento cognitivo ético, construído basicamente pelo que se denomina "ciência ocidental".

É um guia de leitura, através do qual o leitor toma o rumo de uma ponte suspensa para tentar entender ou vislumbrar o que existe do outro lado dessa ponte.

Pode ser que não exista nada, mas pode ser que outras tantas pontes possam existir e com isso conduzir o leitor para outras realidades e transformá-lo num andarilho que busca conhecer sempre mais.

Nessa constante busca, o andarilho pode ou não se deparar com duas realidades cujas interpretações e interação podem muito bem alargar sua visão e daí muitas outras pontes suspensas, trilhas ou caminhos podem se descortinar à sua frente.

Essas duas interpretações mencionadas podem ser denominadas de "êmica e ética".

A interpretação êmica reflete categorias cognitivas compartilhadas pelos povos ditos tradicionais, moradores antigos de certos territórios e, portanto, conhecedores profundos desses ecossistemas.

A interpretação ética é a interpretação que segue regras metodológicas com propósitos analíticos. Isto não descarta da interpretação êmica a utilização de regras rígidas.

A interpretação de realidades diferentes não é uma tarefa fácil, requer como pré-requisito que situações diferenciadas possam ser compartilhadas.

A PONTE QUE LINNEU ATRAVESSOU

Com a grande diversificação da vida, representada por mi-

lhões de espécies vivas e por uma quantidade grandiosa de fósseis que representam espécies extintas, tornou-se necessária a criação de processos metodológicos que fossem capazes de dar um mínimo de organização a esses seres e de procurar estabelecer suas relações. A este processo dá-se o nome de classificação.

A classificação tem quase o poder mágico de organizar o caos exterior e colocá-lo numa espécie de caminho condutor.

Algumas comunidades humanas, de modo geral, sempre procuraram fazer esse tipo de exercício, atribuindo às plantas e animais nomes que, de uma forma ou outra, destacam alguma característica desses seres. Por exemplo: sete-dores, tipo de planta que cura vários males; sofre-do-rim-quem-quer, planta que cura males renais; cachorro-do-mato-vinagre, animal parecido com cachorro e que tem a cor vinagre, porco-do-mato queixada, e assim sucessivamente.

O problema maior dessas classificações sem critérios bem definidos é que constantemente suas denominações mudam de acordo com os lugares. No caso do porco-do-mato queixada, hoje se sabe que ele nada tem a ver com os porcos domésticos e está bem mais próximo dos hipopótamos.

Esse problema foi uma preocupação constante dos naturalistas e aparentemente quem

primeiro colocou ordem na casa foi o botânico sueco Carolus Linnaeus, conhecido mais pelo nome de Linneus ou simplesmente Linneu.

Esse naturalista estabeleceu critérios rígidos de agrupamento de seres e abriu em perspectiva



a criação de um sistema classificatório. Linneu, que viveu de 1707 a 1778, criou um sistema que mais tarde ficou conhecido como sistema binominal.

Linneu e seus trabalhos foram fundamentais para os pesquisadores da época. Ele partiu de um sistema hierárquico, onde categorias maiores englobam muito mais seres. Essas categorias eram divididas em categorias menores até o nível de espécies e raças.

O nome binominal se aplica porque a identificação ocorre com o gênero sempre acompanhado da espécie. Linneu utilizou o latim para nomear seu



sistema classificatório, dando, dessa forma, um caráter universal ao mesmo.

Quando Linneu publicou seu primeiro livro em 1735, conhecido pelo nome de Sistema Natural, este englobava apenas algumas centenas de espécies, mas quando o livro chegou à décima edição, em 1738, já reunia mais de 4.200 espécies de animais e 7.200 espécies de plantas.

Posteriormente aos trabalhos de Linneu, o biólogo de origem alemã Ernst Haeckel (1834-1919), unindo conhecimentos do próprio Linneu e de Charles Darwin, deu um avanço importante na taxonomia, criando a ideia de filogenias mais complexas, tendo como base as próprias noções de Darwin, baseadas no progresso evolutivo.

Com o desenvolvimento da genética evolutiva, era natural que as ideias propostas por Linneu fossem sendo aperfeiçoadas. Isso aconteceu após estudos minuciosos do entomologista alemão Willi Hennig, que viveu entre 1915 e 1976 e, na década de 1950, propôs outro sistema classificatório denominado "Sistemática Filogenética ou Cladística".

A cladística trouxe novos ho-

rizontes para as classificações biológicas e, de certa forma, novas contribuições para descobertas evolutivas e relações entre os seres. Usa como elemento chave o que se denomina clado, que é definido como um grupo de organismos unidos, em algum ponto de sua história evolutiva, por um ancestral comum a todos, e inclui a espécie ancestral e todos os seus descendentes.

Um cladograma é uma hierarquia de espécies, ou de grupos maiores de organismos, baseada em sua história evolutiva e desenvolvimento. Analisa tanto as características externas preservadas no registro fóssil quanto as informações genéticas fornecidas pelos organismos vivos.

Usando sofisticadas técnicas de análise, é possível identificar as semelhanças e as diferenças entre as espécies, descobrir a sequência das divergências que deram origem a novas linhas evolutivas e até mesmo estimar há quanto tempo essas divergências ocorreram.

Pela classificação das espécies em clados enraizados uns nos outros, os biólogos reconstituem a história da vida com um detalhamento impressionante.

AS VISÕES DE OUTRAS PONTES

As ditas academias deram até então pouca importância ao que muitos denominam, às vezes até sem conhecimento de causa e conceitos claros, saberes tradicionais.

Entretanto, os trabalhos pioneiros derivados da etnologia, como a etnobotânica, a etnobiologia, a etnozootologia etc, têm de certa forma contribuído para romper esta barreira e procurar caminhar no sentido de uma integração de saberes.

Este fato poderia causar uma revolução pedagógica, pois certamente iria utilizar como premissa primordial a interdisciplinaridade, o diálogo, no pleno sentido paulofreireano e a atenção para outras realidades e cosmovisões.



Altair Sales Barbosa
Arqueólogo. Excertos do livro "O Piar da Juriti Pepena - Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.

SAPOS, PERERECAS E RÃS: NOSSOS ALIADOS CONTRA A FEBRE AMARELA E A DENGUE!

Isso mesmo! Esse grupo de pequenos vertebrados são nossos aliados na luta contra a febre amarela e a dengue.

Com o período chuvoso batendo à nossa porta, os casos de dengue aumentam cada vez mais, assim como o medo das pessoas, especialmente nas cidades, de também serem infectadas pela febre amarela durante um surto da doença, o que não ocorre no Brasil há décadas.

O lado positivo de tudo isso é que, na época das chuvas, os anuros (sapos, pererecas e rãs) são mais ativos e estão por toda parte, e eles são poderosas armas de defesa contra os mosquitos (*Haemagogus*, *Sabethes* e *Aedes aegypti*), transmissores de ambas as doenças, uma vez que eles se alimentam desses mosquitos.

Agora que já sabemos a importância dos anuros, vale lembrar que não devemos jogar sal

em sapos, pererecas ou rãs, pois isso lhes causará extremo sofrimento, já que seus pulmões são muito pequenos para absorver gases. Metade da absorção de oxigênio ocorre por meio da pele.

Através da pele, o oxigênio é distribuído ao corpo pela corrente sanguínea. A pele dos anuros é sempre muito úmida. Essa característica é para que a troca de gases possa ocorrer. Se jogarmos sal no sapo, o mineral irá sugar a água, impedindo que o processo de respiração ocorra corretamente.

Caso um anuro apareça em sua casa, basta removê-lo guiando-o até a saída com uma vassoura ou até mesmo usar uma sacola plástica para pegá-lo e tirá-lo do local. É bem simples e não lhe trará risco algum.

Vale dizer também que os macacos não transmitem a fe-

bre amarela e, como sentinelas, são nossos aliados na luta contra a doença. Os culpados são os mosquitos. Proteger os animais é a melhor forma de nos defendermos!

Izaete Tavares
Estudante. Fotógrafa.
@izaletetavares



Fotos: Izaete Tavares



DELTA DO PARNAÍBA:

UMA DAS PAISAGENS MAIS BELAS DO MUNDO

Eduardo Pereira

Porto de Tatus, na cidade de Ilha Grande, distante apenas nove quilômetros da cidade de Parnaíba, no Piauí, a segunda maior do estado, é a porta de entrada para o Delta do Parnaíba, onde o rio encontra o mar.

Localizado entre o Maranhão e o Piauí, é o único delta em mar aberto das Américas e o terceiro maior do mundo – atrás apenas dos deltas dos rios Mekong, no Vietnã, e Nilo, na África –, ocupa uma área de 2.700 quilômetros quadrados e é formado por mais de 70 ilhas, todas com paisagens paradisíacas.

Parte da Rota das Emoções, um roteiro integrado com Jericoacoara, no Ceará, e Lençóis Maranhenses, no Maranhão, o Delta do Parnaíba oferece ao turismo um santuário ecológico pleno de espelhos d'água, mangues, dunas, rios e lagoas de água doce, animais silvestres e fauna exuberante.

Existem, na região, hotéis, pousadas

e restaurantes, e os passeios ao santuário do Delta podem ser feitos todos os dias, lá o sol brilha o ano inteiro, por barcos e lanchas.

Um dos destinos mais procurados da região, a Ilha das Canárias, segunda maior do Delta do Parnaíba, perdendo apenas para ilha Grande, abriga um povoado de pescadores com mais de 2.500 habitantes.

A ilha é área de preservação ambiental, faz parte da reserva extrativista marinha do Delta e sua população é distribuída em quatro povoados: Canárias, Passarinho, Torto e Caiçara.



Eduardo Pereira
Produtor Cultural
@weiss_guru





ALEGRIA DE VIVER

Clarice Lispector

Conheço inúmeras mulheres que definham de tédio. Permanecendo em casa o dia todo, vão ficando nervosas, insatisfeitas, mal-humoradas, criando doenças imagináveis, aborrecendo aos outros e a si mesmas, neurastênicas. O remédio mais fácil e direto para evitar isso é uma ocupação que as distraia, que lhes desgaste as energias. O ser humano inativo torna-se triste, consome-se e não sente o menor prazer em viver. O trabalho é necessário não somente como justificativa para a vida em sociedade como para a saúde, a alegria e a juventude.



Clarice Lispector
(1920-1977) em Correio Feminino, obra póstuma. Organização: Maria Aparecida Nunes. Editora Rocco, 2006.

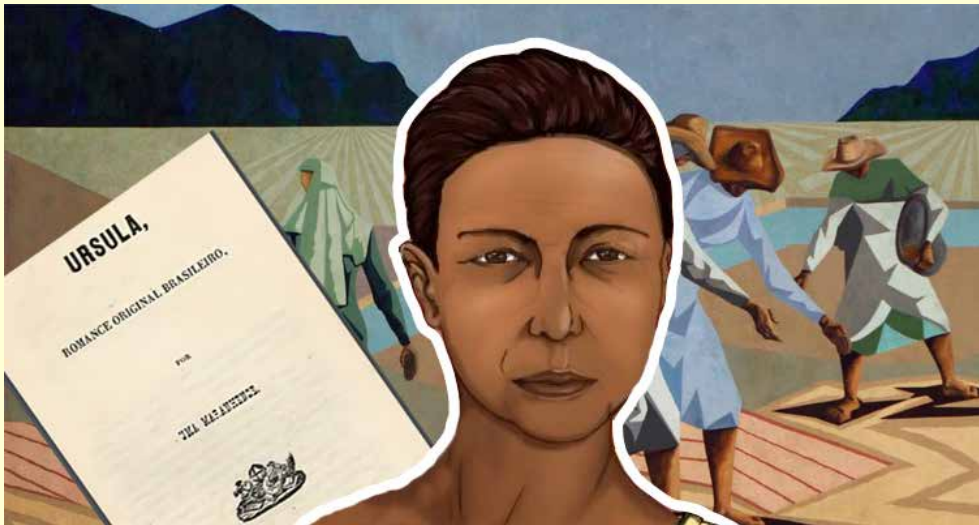


CHAMBARI: O “OSSOBUCO” DO TOCANTINS

O chambari é uma adaptação tocaninense do “ossobuco” italiano, que significa, literalmente, osso furado. No Tocantins, o osso é cortado horizontalmente e cozido com pimenta e temperos.

O chambari é servido com arroz, cheiro verde e, com frequência, também com farinha de mandioca e muita pimenta. Uma curiosidade do chambari é que, em várias partes do Tocantins, ele é servido pela manhã, antes de as pessoas irem para o trabalho.

Para fazer o chambari, basta adicionar água, sal, cebola e corantes ao osso, depois colocar para ferver em panela de pressão por pelo menos uma hora. É um prato simples, nutritivo e delicioso.



<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>

MARIA

FIRMINA

DOS REIS

PRIMEIRA ROMANCISTA

AFRO-BRASILEIRA

Gustavo Dourado

Maria Firmina dos Reis

Escritora brasileira

Negritude na essência

Romancista pioneira

Romântica do Maranhão

Com a verve sementeira

Nasceu em São Luís

Capital do Maranhão

Dia 11 de outubro

1825, em ação

Veio Maria Firmina

Trazer a transformação

Filha de João Pedro e Leonor

Maria Firmina de primeira

Mulher de grande talento

Caminhou na dianteira

Luzeiro na escuridão

Abriu uma grande clareira

1830

De São Luís ela mudou

Em São José de Guimarães

Novo endereço encontrou

Com uma tia materna

Fez trabalho e estudou

1847

Cadeira de instrução

Professora por concurso

No Estado do Maranhão

Mestra aos 22 anos

Luminar da educação

1859

O livro “Úrsula” publicou

Romance abolicionista

A escravidão denunciou

Para libertar os escravos

Com bravura ela lutou

O seu romance “Úrsula”

Publicação pioneira

Sendo Maria Firmina

Raiz afro-brasileira

A primeira romancista

Com sua alma luzeira

Autora afrodescendente

Na terra tupiniquim

África e Portugal

Uma mistura boa assim

Produziu grande talento

É flor em nosso jardim

1871

Fez Cantos à beira mar

Colaborou em jornais

Arte negra a borbulhar

Contestou a escravidão

Lutou para transformar

1880

Do ensino aposentou

Criou uma escola mista

À educação renovou

Mas com a perseguição

A escola logo findou

1887

“A Escrava” publicou

Campanha abolicionista

Maria Firmina lutou

Postura antiescravista

Com seus textos reforçou

Hino da libertação dos escravos

Úrsula, Cantos à beira-mar

No parnaso maranhense

Sua escritura a brilhar

Com Gupeva e a Escrava

Histórias soube contar

Nossa primeira romancista

Merece todo louvor

Precisa ser divulgada

Em seu viés contestador

Ser estudada nas escolas

Para aplaudir o seu valor

Prima de Sotero dos Reis

Um reconhecido escritor

Por parte de sua mãe

Uma espécie de protetor

Que deu suporte a Maria

Pelo universo criador

1917

Faleceu no Maranhão

Viveu 92 anos

Lutou pela educação

Mulher negra consciente

Foi vate da transformação

Maria Firmina dos Reis

A memória ancestral

As tradições africanas

Em nossa raiz cultural

Seu texto é fundador

Tem sapiência cultural



Gustavo Dourado

Poeta. Escritor. Presidente da Academia Taguatinsense de Letras.



A OCUPAÇÃO DE GOIÁS E SUAS BASES ECONÔMICAS:

O garimpo e a marcha
para o Oeste

Do mesmo modo que em outras regiões do Brasil, a história da chegada dos brancos nos territórios indígenas da Região Centro-Oeste teve forte motivação econômica. Estimulados pela Coroa Portuguesa, os bandeirantes imprimiram a marcha para a conquista de novas fronteiras em busca do ouro, da prata e das pedras preciosas.

Os caçadores de esmeraldas trouxeram os escravizados, muitos dos quais já habituados à atividade extrativista, que tinham experiência obtida nas "Minas Gerais" ou traziam as técnicas do continente africano, dos seus lugares de origem.

É importante salientar que o grosso do conhecimento sobre mineração e metalurgia utilizado na empresa colonial na América provinha das civilizações ameríndias e africanas. Muitos africanos que vieram para este território já eram mestres do achamento e trato dos metais.

Em meados do século XVIII, os assentamentos para o estabelecimento dos garimpos já se

faziam presentes em grandes áreas do interior goiano, estendendo-se até o Mato Grosso. Seguindo o leito dos rios, principal vertente do extrativismo, as expedições bandeirantes adentraram a região Centro-Oeste, deixando um rastro de pequenos ranchos e áreas de cultivo que serviriam, mais tarde, como embrião de uma rede de arraiais e vilas.

Margeando os rios, foram paralelamente sendo abertas estradas e, em face da demanda por animais, alimentos e toda sorte de utensílios para sobrevivência, foi-se consolidando uma rede de abastecimento que interligava a região Centro-Oeste às demais. Da região Sul, provinha principalmente o gado e as mulas, da Bahia, a maior parte dos alimentos, além de gado. Do Rio de Janeiro, para onde ia o grosso do ouro rumo à Metrópole, vinha a maior parte da mão de obra escravizada.

A atividade extrativista exigiu a presença de grande quantidade

de pessoas escravizadas. A mineração, sobretudo a de leito de rio, forma mais presente na região, pressupunha por vezes trabalhos de mudança de curso das águas, o que demandava a presença de muitos trabalhadores.

Além disso, a crescente produção de ouro e diamante suscitou de parte da Coroa Portuguesa a montagem de uma vigorosa estrutura administrativa e regulamentadora, trazendo para o interior do Brasil um contingente de funcionários públicos, responsáveis pela segurança, a ordem e a arrecadação de tributos.

Excerto do livro "A verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno". Sindicato dos Bancários. 2017



Foto: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2012/06/>



Foto: Acervo Xapuri

CAI O VELHO PAU-FERRO PRETO

REFERÊNCIA SOCIOAFETIVA DA
POPULAÇÃO FORMOSENSE

Em Formosa existia, num rasgo de praça tomada por edificações, uma frondosa árvore de pau-ferro preto. A praça, carinhosamente chamada de Praça do Pau-Ferro pela população, no passado se chamou Largo do Baruzeiro.

Georreferenciada na posição de Latitude: 15° 32' 13.10"S - Longitude: 47° 19' 58.35", a velha árvore, da qual nunca se soube a idade exata, mas estimada em mais de 150 anos, foi, geração após geração, referência geográfica e socioafetiva da comunidade formosense com sua natureza.

Tombada por lei municipal de iniciativa dos vereadores Jorge Resende Silva e Tuca Magalhães, sancionada pelo prefeito Jair de Paiva em 30 de maio de maio de 1990, o velho pau-ferro teimava em resistir. Em 3 de março deste ano

da graça de 2018, nossa árvore-símbolo deixou de fazer parte da paisagem formosense.

Um motorista descuidado, não obstante os gritos dos populares, arrancou com sua carreta a velha árvore-símbolo de Formosa. Consultado, o prefeito Ernesto Roller informa ter registrado ocorrência e anuncia a construção, de imediato, de um memorial no local, e também o plantio de outra árvore da mesma espécie no que restou da antiga Praça do Pau-Ferro.

Consternada pela perda desta referência socioambiental de nossa cidade, a diretoria do Sinprefor expressa seu pesar e se soma a seus filiados e filiações e à nossa comunidade, na esperança de que nossa natureza seja cada vez mais amada e respeitada por nossas gerações presentes e futuras.



UMA DÚZIA DE EDUCADORAS GOIANAS QUE FICARAM PARA A HISTÓRIA

Bia de Lima

Nada mais feminino em Goiás do que o magistério. Dos/as 40 mil filia-dos/as ao Sintego, a maioria são mu-lheres. Para celebrar o Dia Interna-cional da Mulher, o SINTEGO realizou uma programação diversificada por todo o estado.

Em Goiânia, fizemos uma linda caminhada e uma feira lilás para reafirmar nossa luta por igualdade de direitos e pelo combate a toda e qualquer forma de violência contra as mulheres.

Com imensa gratidão e humildade, tive o privilégio de ser, no dia 8, uma das mulheres homenageadas pela Comenda Berenice Teixeira Artiaga, conferida pela Assembleia Legisla-tiva de Goiás às mulheres que se desta-cam em nosso estado.

Tive, também, a honra de discursar em nome de todas as homena-geadas. Disse que nós mulheres não queremos ser lembradas apenas por uma data, mas pela nossa importân-cia dentro da família, no trabalho e

na sociedade. O que queremos é uma sociedade sem violência e com mais respeito.

Nada mais justo, portanto, do que celebrar março, o mês da mulher, re-lembrando essa dúzia de educado-ras goianas, da capital e do interior, que formaram as gerações passadas e servem de referência para educa-doras/es do presente e do futuro. Ao homenageá-las, celebramos todas as mulheres goianas, conhecidas e anô-nimas, que fazem a nossa história.



1. **ALMERINDA MAGALHÃES ARANTES (1906-1996)** – Lecionou em Formosa e Planaltina. Fundadora e presidente da Associação das Professoras Primárias de Goiás (APPGO) e uma das primeiras mulheres a obter o título eleitoral em Goiás. Foi Deputada Estadual (1955-1959/1963-1967).
2. **AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA (1916-1911)** – Advogada, escritora, historiadora, orquidófila, professora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia deu seu nome ao Jardim Botânico da cidade. Eternizou-se também em flor: a orquídea "*Cattleya Nobilior Amalie*" foi nominada em sua homenagem.
3. **BERENICE TEIXEIRA ARTIAGA (1916-2012)** – Professora e Funcionária Pública. Primeira mulher a ser eleita deputada estadual no Estado de Goiás, em 1951, na segunda legislatura da Assembleia goiana.

4. **IZABEL CRISTINA DE SOUZA ORTIZ** – Natural de Posse, viveu e lecionou a maior parte de sua vida em Formosa, onde formou várias gerações. Foi fundadora do Sintego e Presi-denta da Regional do Sintego em Formosa.
5. **MARIA DAS DORES CAMPOS, Dona Mariazinha (1911-1993)** – Formou-se professora em 1928 e exerceu a profissão por mais de 70 anos. Memorialista, escreveu vários livros sobre seu município, incluindo *Catalão: Estudo Histórico e Geográfico* (1976) e *Gente Nossa* (1985).
6. **MESTRA INHOLA** – Pacífica Josefina de Castro (Goiás Velho, 1846-1932) Fundou sua pró-pria escola desenvolvendo método próprio, onde ministrava as primeiras letras e cálculos. Mestre Inhola foi homenageada pelo seu jubileu de ouro do magistério.
7. **MESTRA SILVINA HERMELINDA XAVIER DE BRITO (1835-1920)** – Professora de Cora Coralina. Foi imortalizada em versos pela poetisa com o poema *A Escola de Mestre Silvana*, publicado em seu livro *Poema dos Becos de Goiás e outras histórias* mais.
8. **NELLY ALVES DE ALMEIDA (1916-1999)** – Lecionou filologia na Escola Complementar de Itaberaí. Em Goiânia, no Colégio Santo Agostinho e no Instituto de Educação de Goiás. Pu-blicou, dentre outros livros, *A diferença entre o português do Brasil e o de Portugal*, 1974; e *Aspecto da literatura goiana*, 1980.
9. **NHANHÁ DO COUTO, Maria Angélica da Costa Brandão (1880-1945)** – Professora, musi-cista e incentivadora da música erudita. Montou a primeira orquestra da cidade de Goiás. Compôs fundos musicais para filmes mudos. Fundou um clube carnavalesco de mulheres e a primeira orquestra feminina do Brasil.
10. **OFÉLIA SOCRATES** – Nascida em 1900, no Rio de Janeiro. Passou a infância em Goiás. Formou-se professora em São Paulo, em 1918. Voltou para Goiás em 1922. Produziu a pri-meira obra sobre história de Goiás para fins didáticos, para uso no curso primário, publi-cada em 1934.
11. **OLINDA DA ROCHA LOBO (1928 - 2013)** – Em 1959, tornou-se professora do Júlia Kubitschek, a primeira escola de Brasília. Foi a primeira professora da Escola Classe de Brasília, a da 308 Sul. Até 1982, quando se aposentou, deu aulas na Escola de Aplicação, na Universi-dade de Brasília, e ajudou a fundar a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.
12. **REGINA LACERDA (1919-1992)** – Professora de Desenho, História da Arte e curso de Li-cenciatura na Universidade Católica de Goiás. Foi Diretora do Museu Estadual de Goiás, uma das fundadoras da Escola Goiana de Belas Artes, e a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Goiana de Letras.



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filial à

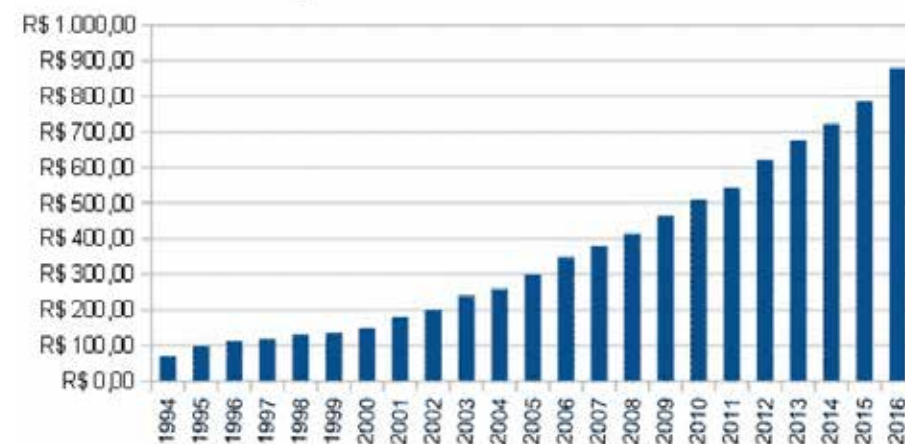


Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SALÁRIO MÍNIMO DE R\$ 954 NÃO RECOMPÕE O PODER DE COMPRA

A Nota Técnica 188 "Valor de R\$ 954 não recompõe poder de compra do Salário Mínimo", divulgada pelo Dieese, recomenda a revisão do reajuste de 1,81% do salário mínimo já que a inflação de 2017, calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi de 2,07%. O Dieese estima que 48 milhões de brasileiros têm seus salários referenciados no SM.

Evolução Nominal do Salário Mínimo



Obs: valores não deflacionados. Fonte: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm#sileiro>

O órgão resgata que a política de valorização do SM teve início em 2004, quando centrais sindicais lançaram o movimento que resultou numa política permanente e que deveria ser aplicada até 2023.

Segundo o documento, "a valorização do salário mínimo conquistada até aqui trouxe resultados muito positivos para a sociedade brasileira.

A elevação real do poder aquisitivo de um contingente muito expressivo de brasileiros ampliou o mercado consumidor e viabilizou melhorias nas condições de vida de suas famílias, como a possibilidade de prolongar a formação educacional dos jovens.

Além disso, o aumento do mínimo contribuiu significativamente para reduzir a desigualdade de renda no país".

Entre 2002 e 2016, o SM teve constantes aumentos reais, sendo o pico em 2006 (13,04%) e o menor reajuste em 2016 (-0,10). Na conta até janeiro/2018, o aumento real foi de 76,57% e o reajuste nominal, de 377%.

O estudo aponta os impactos da valorização do SM nas contas da Previdência e sua relação com a cesta básica.



A LENDA DA CABRA CABRIOLA

A Cabra Cabriola, ou o bicho papão, como é mais conhecido, é a personificação do medo: um animal, em forma de cabra, de aspecto monstruoso, comedor de crianças, um papa-meninos. No século 19, a Cabra Cabriola era tema de uma canção de embalar. A seguir, alguns trechos da canção:

"Cabra cabriola
Corre montes e vales,
Corre meninos a pares
Tamêm te comerá a ti
Se cá chegares".

A Cabra Cabriola no Piauí e Pernambuco data dos séculos 19 e 20. Os pais contavam a lenda da Cabra Cabriola, afirmando que ela comia crianças que desobedeciam aos mais velhos. Diziam, ainda, que esse animal monstruoso invadia as casas à noite, em busca de crianças travessas. De acordo com a lenda no Brasil, o animal, ao entrar nas casas, cantava este verso:

"Eu sou a Cabra Cabriola
Que como meninos aos pares
Também comerei a vós
Uns carochinhos de nada"

No Brasil, principalmente no Nordeste, a lenda dizia que, quando uma criança começa a chorar de repente, é sinal de que a Cabra Cabriola está comendo outra criança. Para afastar essa assombração, as pessoas começavam a rezar.

As crianças ficavam tão assustadas que não saíam de perto das mães, ao escutarem qualquer ruído estranho perto da casa. A lenda dizia que a Cabra Cabriola é astuta como uma raposa e que tem um mau cheiro terrível.

Em casa de menino obediente, bom para a mãe, que não mijasse na cama e não fosse traquino, a Cabra Cabriola não passava nem perto.

Fonte: <http://folclorebrasileiro.openbrasil.org>





Fotos: Acervo Rosângela

ROSÂNGELA CORRÊA: A GUARDIÃ DO CERRADO

Jaime Sautchuk

Como professora da Universidade de Brasília (UnB), suas atividades acadêmicas têm o Cerrado como foco principal. Em projetos socioambientais fora do campus, sempre ligados à Educação, também. E nas horas de lazer seu divertimento predileto

não é outro senão andar por cenários cerratenses.

Candanga de nascimento, filha de funcionário público federal, Rosângela Azevedo Corrêa tem uma história entrelaçada com os ambientes típicos do Planalto Central, a céu aberto e entre qua-

tro paredes. Sua infância e adolescência foram das brincadeiras e piques, rebolados e baladas normais das crianças e jovens de classe média de Brasília.

Mas hoje ela dedica sua vida ao Cerrado, bioma que ela vê como em franca devastação pelo pro-

cesso de “desenvolvimento”, mas em que ainda têm esperanças. Aos que dizem que as relações humanas com o ambiente estão se desfazendo, ela diz que não.

– “Os povos indígenas e as comunidades tradicionais são prova e exemplo de que podemos e devemos cuidar e preservar o Cerrado para o bem de todos, pois somos muitos os que o amamos e defendemos”, afirma ela.

Rosângela cursou graduação em História em uma universidade privada da capital. Mas, depois, fez mestrado e doutorado em Antropologia na Universidad Iberoamericana, no México, na década de 1980. O grande ensinamento que obteve na instituição e no convívio com o povo mexicano foi a capacidade de trabalhar em equipe, que implantou na Universidade de Brasília (UnB), já como professora, quando regressou ao Brasil.

Bem diferente das universidades da Espanha e de Portugal, onde fez cursos de pós-doutorado em Ecologia Humana. Ali, segundo ela, “os estudantes aprendem coisas ultrapassadas que perpetuam preconceitos contra os países que um dia foram suas colônias”. Essa foi, contudo, uma visão que lhe ensinou a valorizar ainda mais as sociedades latino-americanas.

Em verdade, contudo, no Brasil existe uma deficiência que vem da escola, que é um grande desconhecimento sobre o Cerrado. Ela afirma:

– “Há uma visão distorcida no imaginário brasileiro de que este é um espaço vazio e de negação de toda a diversidade cultural existente antes da construção de Brasília. Muita gente acha que o Cerrado é feio, inútil, o que justifica sua destruição. Mas essa

ignorância vem especialmente dos educadores, por isso eu me dedico à sua formação, para que compreendam as interconexões do Cerrado com ele mesmo e com outros biomas”.

Metodologia pra isso não lhe falta, dentro e fora do ambiente acadêmico. Rosângela realça o Projeto ABCerrado, desenvolvido originalmente pelo professor Flávio Paulo Pereira nos núcleos rurais de Taquara e Pipiripau, na cidade-satélite de Sobradinho,



Distrito Federal, desde 1990. Trata-se da alfabetização de crianças e adultos com símbolos da flora e fauna regionais.

Em 2011, ela aplicou o método num programa de extensão que a UnB tinha na Cidade Estrutural, comunidade nascida junto a um lixão. A primeira turma foi de 30 crianças, muitas das quais filhas de catadores, que não haviam conseguido se alfabetizar na escola pública do local. Com o método, num zás-trás todos os meninos e meninas do grupo estavam lendo e escrevendo que só vendo – sucesso absoluto!

Com o resultado, Rosângela resolveu incorporar tecnologia

moderna ao projeto e produziu o DVD “Alfabetização Ecológica: ABCerrado”, amplamente difundido entre professores das redes públicas do DF e cidades do Entorno, que desta forma também foram alfabetizados, já que a maioria nada sabia sobre o Cerrado.

Também é fruto desse sincretismo o Museu do Cerrado, seu mais recente empreendimento. É um site na Internet cuja missão é “divulgar os conhecimentos científicos, os saberes e os fazeres populares acerca da sociobiodiversidade do Sistema Biológico do Cerrado”. Ou seja, é um espaço aberto à propagação de tudo o que tiver algo a ver com o bioma, desde as mais espontâneas manifestações artísticas aos mais complexos estudos científicos. Seu endereço é <http://museucerrado.esy.es/>.

Em tudo o que faz, Rosângela Corrêa é tida como “professora durona” por seus alunos, colegas e parceiros de empreitada. Sobre isso, ela rebate:

– “Se disseram que eu sou exigente, vejamos o que significa: alguém que quer sempre o melhor, então, essa sou eu, eu quero um mundo melhor e a forma como eu contribuo é como educadora que não admite brincar de ser educadora e não permito que ninguém faça de conta que é estudante, especialmente numa universidade pública que não é gratuita, porque o povo brasileiro paga para que as pessoas estudem, então, essas pessoas precisam fazer jus ao que vieram fazer na universidade: estudar.”



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

MINHAS FILHAS ESTÃO ME CHAMANDO DE SEMENTE

Magaró Ikpeng



Foto: Isabel Harari

O trabalho com as sementes é um trabalho que adaptou muito fácil com as mulheres, que têm mais paciência, mais habilidade na coleta de sementes. Os homens não conseguiram porque eles não têm essa sensibilidade com essa atividade.

Então você tem que ir muito longe para colher ou você colhe aqui perto. Tem semente que fica nas matas ciliares, que dão na beira do rio, e têm as sementes que dão na terra firme. Eu acredito que isso deu certo para as mulheres porque a atividade da coleta é das mulheres, é para mulheres.

Quando ela acorda, sempre acorda pensando nas sementes, porque vai fazer semente. Quando está dormindo ou está deitada à noite, sempre acorda pensando em sementes, porque vai fazer semente. Quando está dor-

mindando ou está deitada à noite, já pensa: "Eu vou pegar tal semente, naquele lugar". Fica deitada, pensando...

Os homens não têm isso; eles não ficam pensando nas sementes. Eles têm outras atividades, não têm esse tempo para trabalhar com as sementes. Acordo já cedo com a ideia de colher semente e, inclusive, minhas filhas estão me chamando de Semente.

Tem muito tipo de semente e cada semente é um trabalho. Semente grande, você vai e pega; e se for carnosa, você tem que trabalhar ela. Se for pequena, tem que procurar e peneirar. O que não caiu, você tem que subir para tirar. Isso que a gente faz com as sementes. A gente tem que andar no sapé, no sapezal, na mata fechada, ou na mata aberta. Cada semente é um lugar e um desafio para colher.

AS MULHERES COLETORAS DO XINGU

As mulheres coletoras do povo Ikpeng se autodenominam Yarang. O termo quer dizer "saúva" na língua Ikpeng e é inspirado no movimento de recolher sementes do chão da floresta e levá-las para limpar em casa. Koré e Magaró, que vivem no Território Indígena do Xingu (MT), são duas das 65 coletoras de sementes que fazem parte do Movimento de Mulheres Yarang. Essas mulheres começaram a trabalhar na coleta, beneficiamento, organização e comercialização de sementes porque ouviam notícias trazidas por seus filhos, e pelos brancos, dos impactos do desmatamento sobre seu Território. Em 2008, a partir da Campanha "Y Ikatu Xingu", tomaram a decisão de se organizar em um movimento, para ajudar a melhorar a qualidade da água na região e gerar recursos para suas comunidades.

Foto: Associação Rede de Sementes do Xingu



A gente fica sabendo que a Terra vai esquentar, que a Terra vai explodir, que as pessoas vão morrer, e que a Terra está muito quente por causa das mudanças climáticas. Tudo isso todo mundo sabe. Os próprios brancos ficam falando, contando isso, mas são os próprios brancos que também desmatam. Foi com esse objetivo que a gente começou e agora estamos colhendo sementes.

Os brancos acham que só nós somos impactados com os danos que eles estão causando. Não só os indígenas; não sou eu que vou morrer. Somos todos nós que vamos morrer. Por isso estamos falando para vocês, que respeitem o meio ambiente, porque o impacto não vem só pra mim, vem pra vocês também. A natureza mantém a temperatura, a umidade e a qualidade de vida das pessoas.

Hoje, com a diminuição das matas, o Sol fica muito quente, a terra fica escassa, e a gente sentiu isso na agricultura, porque a chuva não chegou. A chuva depende da mata e, esse ano, faltou chuva, não choveu muito. A gente fez o plantio e o Sol estava tão quente que torrou todas as ramas. Atrasou a produção e não produziu muita mandioca. A gente ficou sem comida e isso é

uma consequência muito grave das mudanças climáticas.

Antes era bem frio, e agora, como não tem mais mato, vai esquentar e vai ser fácil de pegar fogo. A gente tem risco de não ter esses recursos, sementes, que dependem da água.

Antigamente o Sol era muito baixo. Os Ikpeng antigos puxaram esse sol e levantaram ele lá em cima, amarraram bem amarrado com corda. Quando o homem branco começou a mexer com a terra, ir lá no céu – porque homem branco gosta de mexer em tudo, né? De cavar e ir lá no céu, não sei mais onde eles vão agora, porque eles já exploraram tudo. E, se arrebentar a corda cai, e vai matar as pessoas e o mundo acaba. Então as mudanças climáticas estão causando essas consequências.

Semente, para mim, são as minhas coisas. Porque, das sementes, vem embira [cipó], vêm frutas pra gente comer, material para construir artesanato, algumas ervas medicinais. Para mim, semente é vida, para mim semente é tudo.

Quando você olha em todos os frutos, pega uma fruta e vê um bichinho dentro ela, ele é o espírito-dono. A gente só procura um jeito de não fazer seleção, porque

a gente não pode desrespeitar a natureza distinguindo com esses espíritos-donos, que os brancos chamam de praga. Mas não são pragas, são donos. Então a gente faz seleções, a gente procura o jeito de evitar eles – mas isso sempre vai ter.

Quanto eu vou trabalhar, vou com minhas noras, minhas netas, minhas sobrinhas, minhas filhas, porque aí elas ajudam na colheita. Sou a chefe delas aqui dentro de casa, mas todas ajudam e mandam em meu nome. Então a gente é assim, né?

Eu sou uma liderança, então tenho essa responsabilidade de estar no centro, de estar nas decisões, de falar. Mas dentro de casa, também: cada um tem sua pessoa de referência tem uma liderança de casa que lidera também seu grupo. Eu não sou chefe das pessoas, eu sou líder delas, das mulheres. Então as mulheres decidem, falam, eu só falo o que elas decidirem.

A todas as mulheres indígenas, que estudem, que aprendam, que se dediquem na sua comunidade, para lutar por seus direitos, para aprender a ser professora, ser agente de saúde, ser dentista, ser liderança na sua aldeia. E também ser liderança para representar [nossas] mulheres.



Magaró Ikpeng – Líder indígena xinguanã. Excerto de depoimento gravado por Isabel Harari nas aldeias Moygu e Arayo, Território Indígena do Xingu, Mato Grosso, em 2016, com tradução de Oreme Ikpeng. Depoimento completo publicado originalmente no livro Povos Indígenas no Brasil 2011/2016 Instituto Socioambiental. 2017. O texto sobre as mulheres coletoras (caixa) foi produzido pela equipe de edição do livro. Fonte: www.pibsocioambiental.org

MARGINAL DERRETIDA



Foto: G1

Antenor Pinheiro

A marginal botafogo é uma via pública que corta o limite leste do original plano urbanístico de Goiânia. Desde o fim dos anos 80 é aquela camisa-de-força que envolve o histórico córrego de mesmo nome. Espécie de lacre que sufoca o curso d'água que mais influenciou a escolha do local para a construção de Goiânia.

Começou como simpática e inofensiva ciclovia, mas depois virou esse monstro perigoso

que mata gente no trânsito violento, que produz e solapa orçamentos públicos com recorrentes desmoronamentos.

O urbanista Atílio Corrêa Lima, ao desenhar a nova capital, teve o córrego como um dos importantes referenciais de abastecimento e drenagem para a cidade que surgia. Seus refinados conceitos trazidos da escola francesa previam o surgimento de uma cidade no sertão brasileiro que representasse o moder-

no urbanismo que tomava forma no mundo.

Sintomático o jovem urbanista ser contratado em 1933, mesmo ano em que foi escrita a Carta de Atenas, manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas em 1933. Seria a diligência de Atílio um presente dos deuses gregos para o cerrado goiano?

Dentre universais conceitos, a Carta de Atenas prezava os

Foto: Jornal Diário do Estado



elementos água e terra em harmonia plena com as novas tecnologias a qualificar o destino dos homens. O imaginário de Atílio parecia bastante sintonizado com os princípios desse documento. Pensar e construir a nova cidade para pessoas. Como se percebe, era muita vanguarda pra tanta ignorância que se seguiu por sucessivas gestões, e hoje a agonizante marginal retrata um retumbante fracasso.

Nasci há 60 metros do córrego botafogo, parto normal, numa chácara onde moravam meus familiares. Tomei banho no seu leito e bicas d'água que davam vazão aos mantos freáticos cristalinos obedientes à declividade do terreno. Pesquei lambaris e lobos nele. Também retirei barro de seus barrancos pra fazer cinzeiros para meus tios e pais.

Muitas mulheres do nosso subúrbio lavavam suas roupas e filhos no botafogo. Os capins-navalha de suas beiradas alimentavam coelhos e preás que minha tia criava. Quando chovia forte, era aquela festa. Suas águas ganhavam velocidade es-

tupenda, porque ali está o seu perfil mais baixo, próximo do encontro com o ribeirão Anicuns e, mais pra frente, o rio Meia Ponte. Mas as enchentes eram dóceis, acomodavam-se obedientes à natureza e dançavam descontroladas densamente, feito um balé aquático suntuoso, intenso, belo!

E o progresso chegou. A exemplo dos córregos e rios urbanos de São Paulo, Belo Horizonte e outras, o botafogo mereceu a ignorância em forma de concreto e curvou-se à demanda dos carros. No lugar dos capins-navalha e barrancos de bicas, concreto e asfalto.

Motivações políticas e econômicas orientaram gestões que sufocaram o bucólico córrego, e agora, com as chuvas óbvias da época, o gestor pede socorro diante da fúria de suas águas alimentadas por outras desgobernadas e as do próprio céu. As pistas que compõem a marginal derretem sobre o leito, os carros estão ameaçados ali, e todos se perguntam: o que seria da cidade sem a marginal botafogo?

Respondo: seria!

Aliás, a única solução plausível é aquela que vem sendo adotada nas metrópoles inviabilizadas mundo afora: devolver ao curso do córrego o que lhe suprimiram; remover o lacre que lhe impuseram; humanizar suas margens; incluir gente; criar espaços de encontros e convivência de pessoas; inserir num desenho urbano ativo as belezas que o urbanismo consequente é capaz de produzir; resgatar a urbanidade; cuidar do velho e bom córrego que tantas gerações banhou, devolvendo-o às próximas, enfim!

Ninguém deixará de ter e usar carro por causa de uma marginal derretida.



Antenor Pinheiro

Jornalista. Comentarista da CBN Goiânia. Membro da Associação Nacional de Transportes Públicos /ANTP.



Ilustração: André Maurício, 2014

IRMÃ DULCE, O ANJO BOM DA BAHIA:

DEUS LHE PAGUE!

"Miséria é a falta de amor entre os homens."

Todo bom brasileiro e todo baiano, que seja do Pelourinho, do Subúrbio, dos bairros nobres ou do longínquo Boca de

Galinha em Plataforma ou nas cidadezinhas do interior, certamente já ouviu falar nela e tem veneração por essa pessoa que simboliza a

caridade e a doação aos mais necessitados. É assim que Irmã Dulce é conhecida: o Anjo Bom da Bahia! O ablativo foi bem colocado e me-

recido. Irmã Dulce é a nossa versão da Madre Teresa de Calcutá.

E não há evangélico, kardecista, umbandista, candomblecista, agnóstico, ateu, filho ou filha de santo, mãe ou pai de terreiro que não reconheça a grandiosidade dessa mulher. Por isso, neste mês das mulheres e mês de aniversário de sua morte, faço, em forma de texto, minha humilde louvação: A bênção, Irmã Dulce!

Conhecida pela graça de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes nasceu na capital Salvador em 26 de maio de 1914 e faleceu, também na capital baiana, em 13 de março de 1992. Do nome recebido em pia batismal e na certidão não restaram tantas lembranças, mas enorme ficou a fama de Irmã Dulce, Beata Dulce dos Pobres ou Bem-Aventurada Dulce dos Pobres.

Irmã Dulce destacou-se como notória ativista humanitária do século XX. Seu nome extrapolou as fronteiras baianas e do Brasil. Suas obras de caridade aglutinaram inúmeros voluntários e continuam amedanhando pessoas de bom coração. Essas obras tornaram-se referência nacional na (re)construção da cidadania e na recuperação dos valores essenciais ao ser humano, inclusive destacando-se bens como a saúde e o bem-estar. Suas obras assistenciais ganharam repercussão pelo mundo.

Maria Rita era filha de Dona Dulce e do Doutor Augusto Lopes Pontes, dentista e professor da Universidade Federal da Bahia. Quando criança costumava rezar muito e sempre demonstrou inclinação para a vida religiosa, no que foi incentivada pelos pais. Costumava visitar áreas vulneráveis, acompanhada por uma tia, e assim começou a ajudar mendigos, enfermos e desvalidos. Aos 13 anos tentou entrar para o Convento de Santa Clara do Desterro, em Salvador, mas foi recusada, por ser jovem demais.

Irmã Dulce desde menina foi transformando a casa da família, na Rua da Independência, 61, no bairro de Nazaré, num centro de atendimento às pessoas necessitadas. A casa ficou conhecida como

"a portaria de São Francisco", por ser o destino primeiro de carentes e necessitados que, em multidão, se aglomeravam à sua porta. Formou-se professora em 1932 e entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Depois dos votos perpétuos recebeu o nome de Irmã Dulce, em homenagem a sua mãe.

No esplendor de seus 19 anos, regressa a Salvador e assume a sua primeira missão como religiosa, que foi a de ensinar em um colégio mantido por sua congregação, na Cidade Baixa, e assistir às comunidades pobres da região.

Com 22 anos fundou, juntamente, com Frei Hildebrando Kruethanp, um alemão que se tornou baiano para, junto com Irmã Dulce, diminuir as agruras e mazelas sociais de seu tempo. Essa parceria deu origem à União Operária São Francisco, primeiro movimento cristão operário da Bahia. No ano seguinte, criaram o Círculo Operário da Bahia, mantido com a arrecadação de três cinemas que ambos haviam construído através de doações. A freira e o frei tinham como finalidade a difusão das cooperativas, a promoção cultural e social dos operários e a defesa dos seus direitos.

Em 1939, Irmã Dulce inaugurou o Colégio Santo Antônio, voltado para os operários e seus filhos. Entretanto, seu coração era preenchido por um desejo de amenizar o sofrimento dos desvalidos e doentes. Numa atitude corajosa, Irmã Dulce, invadiu cinco casas na Ilha do Rato, em Salvador para abrigar seus protegidos.

Foi expulsa do lugar e peregrinou durante uma década, até instalar, definitivamente, os seus doentinhos em um albergue que havia sido o galinheiro do Convento de Santo Antônio. Esse albergue deu origem ao Hospital Santo Antônio, centro de um complexo médico, social e educacional que continua ativo e fiel aos objetivos da doce Irmã Dulce, ou seja, atender aos pobres.

Em 1980, encontrou-se com o

Papa João Paulo II, em sua primeira visita ao Brasil e recebeu de suas mãos uma bênção especial, um rosário e o pedido de Sua Santidade: "Continue, Irmã Dulce, continue". Em 2000, foi agraciada pelo Papa João Paulo II com o título de Serva de Deus.

No ano de 1988 foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz pelo então presidente do Brasil, José Sarney. Em 2011, foi beatificada, e a comunidade católica espera sua justa canonização, de forma que a Irmã Dulce poderá ser a primeira Santa Católica nascida no Brasil.

Em novembro de 1990, Irmã Dulce começou a apresentar sérios problemas respiratórios, sendo internada no Hospital Português da Bahia, depois transferida à UTI do Hospital Aliança e finalmente ao Hospital Santo Antônio. Em 20 de outubro de 1991, recebeu no convento, em seu leito de morte, na ocasião da segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil uma última bênção e a extrema unção.

Para fazer justiça à Irmã Dulce, em 2014, o governador da Bahia, Jaques Wagner, instituiu por decreto o 13 de agosto como o Dia Estadual em Memória à Bem-Aventurada Dulce dos Pobres. Em novembro de 2014, um filme biográfico, com o título Irmã Dulce, foi estreado em Salvador.

O "Anjo Bom da Bahia" morreu em seu quarto, de causas naturais, aos setenta e sete anos, em 13 de março de 1992. Durante mais de cinquenta anos ela se dedicou com entrega total à caridade e amor ao próximo.

De sua boca saía sempre o bordão: Deus lhe pague! Era assim que, em profunda gratidão, retribuía o amor que o povo baiano e brasileiro lhe dedicava, ajudando-a em suas causas sociais.

Salve Irmã Dulce! O Anjo Bom da Bahia, uma Santa do Brasil!



Iêda Vilas-Boas
Escritora

REFLEXÃO SOBRE DISPUTAS E DEBATES NO SINDICALISMO BRASILEIRO PÓS-DITADURA DE 1964



Às vésperas do lançamento do livro **CENTRAIS SINDICAIS NO BRASIL PÓS-DITADURA DE 1964**: Narrativas, disputas e debates, prefaciado por Walter Sorrentino, combatente comunista e vice-presidente do Partido Comunista do Brasil (PC-doB), o que muito me honrou e valorizou o livro, reflito um pouco aqui sobre o contexto desta obra.

Com a vitória eleitoral de Lula em 2002, quando, pela primeira vez na história do Brasil e da América Latina, um representante dos trabalhadores assumia a Presidência da República, parecia que o País, depois de ter sofrido vinte anos de ditadura militar, caminhava para um contexto político diferenciado, que se abria a um novo estágio na luta de classes para o Movimento Sindical.

Porém, ficou visto que esse caminho se traduzia mais complexo e cheio de obstáculos e armadilhas diante das possibilidades para o avanço das lutas operárias. Essa disfunção pôde ser constatada a partir do primeiro governo sob a hegemonia do Partido dos Trabalhadores (PT), que trazia em seu programa a esperança das jornadas das décadas de 1970 e 1980.

Ao assumir o governo, o propósito da autonomia e luta por um novo modelo de sindicalismo, diferente do que denominavam "sindicatos oficiais", torna-se ambíguo, dentro dos parâmetros estabelecidos na "Carta aos Brasileiros", que apregoava o não rompimento com a política macroeconômica neoliberal. Ao contrário, foram golpeados direitos dos trabalhadores com propostas como a contrarreforma da Previdência Social e Trabalhista dos funcionários públicos.

As divergências que se estabeleceram a partir da Conclat se acentuaram no campo sindical e no próprio campo da CUT. Os consensos construídos no Fórum Sindical Nacional, sobre as mudanças na estrutura sindical brasileira, que necessitavam de unidade para pressão e aprovação no Congresso Nacional, não obtiveram êxitos, já que a reforma mexeria com uma estrutura montada há mais de seis décadas e seus pilares básicos, a "Unicidade Sindical" e o "Imposto Sindical", foram objeto de calorosos debates e profundas divergências na 1ª Conclat.

Hoje, verificamos que o movimento sindical se encontra numa encruzilhada. Questões de direitos que se apresentavam como resolvidas a partir da Constituição de 1988 estão de volta ao tabuleiro político das discussões trabalhistas. Entre elas, as que se relacionam com a flexibilização dos direitos trabalhistas, advindos das mudanças do processo de produção e da reestruturação industrial, com seu processo de enxugamento dos postos de trabalho, aumento da produtividade e depreciação dos salários e precarização da mão de obra.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário



CAMPANHA SALARIAL 2018

PROFESSORES, TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO SETOR
PRIVADO DE ENSINO, MOBILIZEM-SE E APOIEM O SEU SINDICATO!





Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **120**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **199**,00

24 EDIÇÕES
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA
DIGITAL**

ANUAL

R\$ **60**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **99**,00

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA
(DO MÊS DA ASSINATURA)

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE